

Parque Augusta tem reintegração hoje

Justiça negou a suspensão do processo, pedida por associação; ativistas prometem 'resistência pacífica' durante ação da Polícia Militar

Edison Veiga
Felipe Resk

Acampados desde 17 de janeiro no terreno de 23,7 mil metros quadrados que querem ver transformado no Parque Augusta, na região central, ativistas prometem uma "resistência pacífica" contra a reintegração de posse, prevista para ocorrer na manhã de hoje.

Na tarde de ontem, a Sociedade de Amigos, Moradores e Empreendedores do Bairro de Cerqueira César (Samorcc) pediu a suspensão do processo, o que foi negado pelo juiz da 5.ª Vara Cível do Fórum Central da Comarca de São Paulo, Gustavo Coube de Carvalho.

"Todas as nossas decisões são horizontais e tomadas em assembleia", diz uma das participantes do movimento, a jornalista Henny Freitas, de 33 anos. "O que posso dizer é que

teremos o apoio, na madrugada de quarta-feira, de vários outros grupos que atuam na cidade e estão solidários à causa."

Resistência. Na madrugada de hoje, estava prevista maratona de eventos até a chegada da Polícia Militar para a reintegração de posse. Na programação, haveria desde mutirão de grafite até meditação kundalini.

Henny afirma que em pouco mais de um mês de ocupação – ou "vigília criativa", como preferem chamar – do terreno, os ativistas desenvolveram uma série de atividades e melhorias.

"O Parque Augusta começou a acontecer, pois já é frequentado pela vizinhança", diz. Segundo os ativistas, a área recebeu a visita de dez grupos de crianças, de colégios diferentes, para oficinas ambientais. Mais de 200 mudas de árvores foram plantadas – entre as quais, pau-brasil, embaúba, mogno, louro-pardo e açoita-cavalo. O grupo também construiu dois domos geodésicos, que funcionam como espaços de convivência.

O terreno também ganhou internet Wi-Fi, com rede aberta a todos os frequentadores, uma pequena biblioteca comunitária e locais para destinação de lixo reciclável; catadores e uma cooperativa retiraram o material. Foram instaladas ainda duas cisternas para coleta da água da chuva e duas composteiras.

Por meio de nota, as construtoras Cyrela e Setin, proprietárias do terreno, se limitaram a afirmar que a decisão da reintegração de posse é do Poder Judiciário. A liminar foi concedida em favor das construtoras no dia 21 de janeiro. A Polícia Militar e os ativistas concordaram que o processo acontecesse somente na manhã de hoje.

Histórico. Construtora de um lado, ativistas de outro e poder público entre ambos. Se agora existe uma longa contenda pa-



Acampamento. Grupo monta tenda e faz vigília no Parque Augusta; ativistas estão no terreno desde o dia 17 de janeiro



Ambiente. Eles defendem criação de parque no centro



Conectados. Acampados instalaram até rede Wi-Fi

Suplicy deve acompanhar o caso

● O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), designou o secretário de Direitos Humanos, Eduardo Suplicy, para acompanhar a reintegração de posse. Ontem, os vereadores Aurélio Nomura (PSDB), Gilberto Natalini (PV), Ricardo Young (PPS) e Toninho Vespoli (PSOL) enviaram ofício à Prefeitura pedindo a intervenção do governo municipal, com apoio da presidente da Sociedade dos Amigos, Moradores e Empreendedores do bairro Cerqueira César, Célia Marcondes.

Segundo eles, a reintegração é desnecessária. "Considerando que, com o levantamento do dinheiro pelo Ministério Público, para a compra do parque, uma negociação amigável já vem sendo desenvolvida, estando as partes na mesa de negociação." /E.V.

ra definir o futuro do terreno, ao menos em um tema há de existir consenso: foi um colégio, tradicional e para meninas, o responsável pela aura histórica que reside naquele solo hoje em disputa.

Em 1902, um casarão foi erguido ali. Projeto do francês Victor Dubugras (1868-1933), o palacete fora construído para abrigar a família Uchôa – daí o nome Vila Uchôa. Entretanto, apenas quatro anos mais tar-

de, o conjunto acabou vendido para as religiosas de Nossa Senhora das Cônegas de Santo Agostinho.

As irmãs queriam transformar o local em colégio tradicional para moças, espécie de filial paulistana do parisiense Colégio Notre-Dame Des Oiseaux. O prédio foi ampliado e adaptado para o uso escolar. A escola funcionou de 1907 a 1969. Entre as personalidades que estudaram ali estão a ex-

primeira-dama Ruth Cardoso (1930-2008) e a senadora Marta Suplicy.

O arquiteto e urbanista Benedito Lima de Toledo, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU-USP) tem um rico acervo com imagens de detalhes arquitetônicos do Colégio Des Oiseaux.

No artigo abaixo, o especialista defende a transformação do terreno em parque público,

com apelo até então inédito à discussão: as crianças abrigadas por outra casa religiosa, o Lar Nossa Senhora da Consolação, ali ao lado.

NA WEB
Portal. Veja linha do tempo com fotos recentes e antigas do parque estadao.com.br/e/cronoaugusta

* **CENÁRIO:** Benedito Lima de Toledo

As crianças do Lar Nossa Senhora da Consolação e o parque

O Lar Nossa Senhora da Consolação, mantido pela falecida irmã Irene Alves Lopes à Rua Gravataí, 111, abrigava pouco mais de cem crianças, número variável conforme a vida da instituição. Por ela eram recolhidas crianças que viviam nas ruas. Como é compreensível, nunca tive intimidade para ver como em uma casa isso era possível. Mais intrigante, ainda, era saber de onde vinham recursos para alimentar a criançada. Certa vez, enquanto conversávamos, presenciei uma senhora que estacionou seu carro na frente das casinhas, retirou pacotes de alimentos que se destinavam ao lar e... até logo! Espontaneamente pessoas auxiliavam o lar. Deveria ser essa a forma com que as orações da irmã Irene eram atendidas.

Um pequeno grupo, do qual eu fazia parte, periodicamente se reunia para estudar a

situação da instituição. Em uma dessas reuniões, um dos membros dirigiu a palavra à irmã: "Irmã, nós conseguimos acertar o número de caminhas e a senhora acolheu mais uma criança além do combinado". A irmã, tranquilamente, respondeu: "Está bem, vá lá, escolha uma das crianças e ponha na rua". Silêncio geral. Não havia o que responder. Tivemos o privilégio de conviver com uma santa.

Do outro lado da Rua Gravataí observava-se um terreno vago. A irmã, já com certa idade, sentada junto à janela no térreo de uma das casinhas, contemplava esse espaço e rezava. Tal local foi sucessivamente destinado, a partir de diversos políticos, a várias instituições. Uma delas chegou a colocar uma vistosa placa anunciando iniciativas empolgantes. Irmã Irene continuava rezando e olhando para o terreno, até que a placa, que nunca serviu para nada, foi se decompondo até cair e sumir.

A aspiração da irmã era ali fazer uma obra para abrigar melhor a criançada. Conversávamos sobre o assunto e do que seria necessário para a execução dessa obra. Um fato pitoresco aconteceu: nem a irmã me pediu

um projeto nem eu me ofereci para fazê-lo. Houve apenas uma conclusão nesse papo informal: era urgente começar a construir no terreno. Dessa forma, fiz o projeto e acompanhei a construção desde as fundações. De onde vinham os recursos, não sei. Mas, parodiando a música de Adoniram Barbosa, diria: "Cada laje que subia, era um salto no coração".

A nova sede do lar finalmente ficou pronta e ali estão as crianças. Contudo, havia um aspecto, digamos "didático-urbanístico": onde haveria um local adequado em que as crianças pudessem desfrutar de uma área verde, uma vez que ficavam sempre no interior do lar?

Para tanto, uma ideia me perseguia: a Rua Gravataí é perpendicular à Caio Prado. A partir da Gravataí, as crianças poderiam ter acesso ao terreno que, outrora, fora ocupado por um colégio, o Des Oiseaux. Portanto, o terreno que abrigara uma escola agora serviria a outras crianças.

Nestes dias, a população tão carente de área verde se mobiliza firmemente para ali concretizar-se o sonho de se criar um local ensolarado com uma bela área verde, o Par-

que Augusta. Não imagine um parque com esse equipamento padronizado, mas um jardim a um tempo recreativo e educativo, confiado a paisagistas e botânicos. Ali, as crianças do Lar Nossa Senhora da Consolação e de prédios vizinhos encontrariam um local saudável de convívio. É preciso lembrar que o cidadão tem o direito de decidir os destinos de sua cidade. É o que chamamos democracia. Órgãos encarregados de zelar pelo bem público, como o Conpresp, acabaram por entregar os pontos.

Houve época em que a cidade pôde contar com notáveis homens públicos, como Prestes Maia. Quando concluiu seu mandato, ao deixar a sede da Prefeitura, na Rua Líbero Badaró, o motorista do carro oficial abriu-lhe a porta como de costume. Prestes Maia agradeceu e disse: "Obrigado, agora não sou mais prefeito". A seguir, atravessou o Viaduto do Chá e foi tomar um bonde, rumo a sua residência.

A probidade é o apanágio dos nobilíssimos homens públicos.

* É ARQUITETO E URBANISTA

Arte urbana

PERSONAGEM GRAFITADO POR AMERICANO NO RIO VIRA LIVRO

História de Zé Ninguém está espalhada pelas paredes de bairros cariocas

Clarissa Thomé / RIO

Recém-chegado e tentando se adaptar ao Rio, o quadrinista nova-iorquino Alberto Serrano, o Tito, decidiu levar sua arte para muros cariocas. Não queria só grafitar, mas contar uma história com princípio, meio e fim. Surgia o personagem Zé Ninguém, moreno, de bigode, sem camisa e de chinelo, que "percorria" bairros das zonas sul,

norte e oeste em busca de Ana.

Foram sete anos de histórias incompletas; 150 grafites espalhados por aí. Da Praia de Ipanema ao Piscinão de Ramos, dava para saber que Zé Ninguém tinha a companhia de um cão, que havia sido "assaltado" por um pombo. Como cada quadrinho estava em um canto, não se sabia de onde tinha vindo, como havia se perdido de Ana. Os mais curiosos buscavam pistas no perfil do Facebook – Zé Ninguém tem 15 mil seguidores.

Na semana passada, os 150 grafites finalmente foram apresentados de forma ordenada: Zé Ninguém virou livro, lançado pela Edições de Janeiro. "Eu era um estrangeiro tentando me adaptar. Em seis meses, já conseguia entrar em uma lanchonete e pedir um joelho (salgado) e um refresco. Mas estava tentando entender a cidade e queria um personagem que estivesse passando o mesmo que eu", conta Tito, de 36 anos, que se mudou para o Rio com a mu-



Criação. Tito se inspirou no pai, que era porto-riquenho

lher brasileira após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Para fazer Zé Ninguém, o quadrinista se inspirou no próprio pai, porto-riquenho. "Aqui, vi

personas iguais ao meu pai: de bigode, short, sem camisa." Tito descreve o personagem como um otimista. "Ele está perdido, não se lembra do que aconte-

ceu, mas sabe que vai encontrar Ana." Tito começou a grafitar os quadrinhos na zona sul – Gávea, Leblon, Ipanema, Copacabana. Seguiu para a região central, zona norte e oeste. "Cobri o máximo que pude da cidade."

O quadrinista só teve dificuldades quando desenhou Malu, uma guarda ambiental. "Ela usa uma farda azul. Houve certa reação, um estranhamento. Mas fui bem recebido em todos os lugares. Na favela e no asfalto."

Zé Ninguém, o livro, custa R\$ 39,90. No fim, um mapa informa os bairros onde Tito grafitou, para quem quiser ver a arte de perto. Mas com alerta: "Pela própria natureza do grafite, algumas paredes podem não existir mais".